

AS VIRTUDES DA NARRATIO NO DE ORATORE DE CÍCERO

CYNTHIA HELENA DIBBERN*

Universidade de São Paulo

Resumo. Este breve trabalho tem por objetivo analisar o tratamento das virtudes da *narratio* – a clareza, a brevidade e a verossimilhança – no diálogo *De oratore*, de Cícero, verificando quais as semelhanças e diferenças com relação à preceituação sobre esta parte do discurso nos manuais de retórica *Da inventio*, obra anterior do próprio Cícero, e *Retórica a Herênio*, de autor desconhecido. Através desta comparação, será possível contrastar a proposta retórica de Cícero do *De Oratore* com a retórica escolar e tecnicista dos manuais, tão criticada pelas personagens do diálogo. Cícero parece colocar a brevidade e a clareza em tensão, e recomendar uma clareza mais próxima da *illustratio*, que, além de deleitar, comove ao dispor diante dos olhos o acontecido, sendo aliada, assim, da terceira virtude, a do provável e verossímil.

Palavras-chave. *De Oratore*; *narratio*; *illustratio*; Cícero.

D.O.I. 10.11606/lissn.2358-3150.v19i2p55-68

A DIVISÃO DAS PARTES DO DISCURSO EM EXÓRDIO, EXPOSIÇÃO, PROVAS E PERORAÇÃO, cujos termos correspondentes latinos são *exordium*, *propositio*, *argumentatio* e *peroratio*, já estava presente na tradição retórica advinda de Isócrates. Algumas variantes da tradição retórica sofística do século quinto consideravam partes distintas também a narração e a digressão, usualmente recomendada antes do epílogo.¹ Essa divisão focava o aspecto formal do discurso, e tinha em mente o discurso judiciário. Aristóteles, entretanto, afirma que as partes necessárias do discurso são apenas duas: a exposição (*prothesis*) e as provas. Aponta que a narração (*diegesis*), relato dos fatos ocorridos, é conhecida por ser própria do discurso judiciário, e que o proêmio e o epílogo por vezes não são necessários, como no discurso epidítico, no qual também não há refutação da parte contrária.² A retórica escolar posterior enquadrou as *partes orationis* dentro do tópico da *inventio*. Segundo Guérin,

* Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2013).

** Artigo recebido em 05.set.2016 e aceito para publicação em 25.out.2016.

¹ Cf. May and Wisse 2001, 29.

² Arist. *Rh.* 1414a.

nos manuais as partes do discurso tem um papel estruturador, pois neles a doutrina da invenção aborda cada parte sucessivamente, para então tratar das tarefas do orador.³ No manual *Retórica a Herênio*, por exemplo, são seis as *partes orationis* nas quais a *inventio* deve ser empregada: *exordium*, *narratio*, *divisio*, *confirmatio*, *confutatio* e *conclusio*.⁴ O *De oratore*, entretanto, diferentemente, adota uma organização que segue a estrutura imposta pelas tarefas do orador, e as *partes orationis* são consideradas no tratamento da *dispositio*, como fez também Aristóteles.⁵

No livro 2 do diálogo *Do orador*, Antônio observa esta disparidade entre os teóricos: “E não critico isso, mas afirmo que é evidente, assim como, igualmente, aquelas quatro, cinco, seis partes, ou mesmo sete – pois cada um ordena de modo diferente -, em que todo o discurso foi por eles dividido”. Antônio então discorre (§ 80) rapidamente sobre o que já foi recomendado com relação a cada uma das sete partes (cita também a *digressio*, além das mesmas 6 partes apontadas pela *Retórica a Herênio*); isso é feito, entretanto, sem o uso dos termos técnicos apresentados pela *artes*, visto que, como afirmou Iso, a intenção de Cícero é evitar, neste diálogo, qualquer tecnicismo, qualquer traço que cheire a manual.⁶ Sobre a narração, o discurso de Antônio diz o seguinte:

[...] deinde rem narrare, et ita ut veri similis narratio sit, ut aperta, ut brevis; [...]. Iam vero narrationem quod iubent veri similem esse et apertam et brevem, recte nos admonent: quod haec narrationis magis putant esse propria quam totius orationis, valde mihi videntur errare [...].

[...] em seguida, que narremos o caso, e de tal forma, que a narração seja verossímil, clara, concisa; [...]. Já quanto ao fato de recomendarem que a narração seja verossímil, clara e concisa, advertem-nos corretamente; quanto ao fato de julgarem que tais qualidades concernem mais particularmente à narração do que a todo o discurso, parecem estar bastante enganados [...].⁷

³ Guérin 2010, 126–7: “Les manuels adoptent ainsi une structure où la doctrine de l’invention aborde successivement chaque partie du discours et expose alors toutes les tâches - mais aussi toutes les sources topiques, l’exposé se divisant ensuite suivant les états de la cause - qui se rapportent à cette partie. [...] Le *De oratore*, à l’inverse, adopte une organisation qui suit strictement la structure imposée par les tâches de l’orateur (nommées *membra eloquentiae*). Les *partes orationis*, dans cette organisation nouvelle, n’apparaissent plus que dans le cadre de la *dispositio* et ne jouent plus de rôle structurant”.

⁴ *Rhet. Her.* 1.4. Tradução de A. P. C. Faria e A. Seabra.

⁵ Cf. Leeman, Pinkster and Nelson 1985, 184.

⁶ Cf. Iso 2002, 48.

⁷ Cic. *De Orat.* 2.80–3. Tradução de A. Scatolin, 2009.

Os manuais preceituavam que a narração deveria ser breve (*breuis*), clara (*dilucida*) e verossímil (*veri similis*).⁸ Cícero, em sua obra *De Inventione* – considerada uma manual escolar e formal da juventude do autor⁹ – prescreve a brevidade, a clareza e o plausível para a *narratio* de um caso judicial (*De Inv.* 1.28). Antônio concorda, conforme o excerto acima, com os manuais ao reconhecer tais virtudes da narração, e amplia a importância do uso delas para todo o discurso. Entretanto, logo adiante, ao discorrer sobre o discurso veemente, das afecções patéticas e do *comomouere*, Antonio condena a brevidade:

[...] illud autem genus orationis non cognitionem iudicis, sed magis perturbationem requirit, quam consequi nisi multa et varia et copiosa oratione et simili contentione actionis nemo potest; qua re qui aut breviter aut summisse dicunt, docere iudicem possunt, commovere non possunt; in quo sunt omnia.

[...] esse gênero do discurso, entretanto, não visa à instrução do juiz, mas, sobretudo, sua perturbação, o que ninguém poder atingir senão com um discurso amplo, variado, copioso e com similar contenção da ação. Por isso, aqueles que discursam brevemente ou sumariamente apenas podem instruir o juiz, mas não comovê-lo, de que tudo depende.¹⁰

O trecho insere-se na abordagem, pela personagem Antonio, sobre o *ethos* e o *pathos*, considerados dois modos de persuasão (2.178–216a), e das afecções patéticas e do *commouere*, e nele Antônio condena a brevidade quando se precisa comover o juiz. A perturbação só poderia ser provocada através de um discurso variado, amplo e copioso, e no qual houvesse uma contenção da ação. A brevidade prejudicaria assim o despertar das paixões, e, desta forma, também a persuasão, que Antônio afirma considerar mais importante.

Esta discussão a favor e contra a brevidade será ainda retomada no discurso, e mais especificamente com relação a seu uso na *narratio*. Assim como se dá com outras temáticas, ao longo do diálogo o assunto é retomado várias vezes, pela mesma ou outra personagem, e sempre algo novo é acrescentado ou alterado: trata-se da técnica do “desenvolvimento gradual de um ponto de vista, e repetição com significantes variações”, como observaram May and Wisse.¹¹

⁸ *Rhet. Her.* 14.

⁹ Esta ideia é defendida por Hubell em sua Introdução da edição da obra (1976).

¹⁰ Cic. *De Orat.* 2.214–15. Tradução nossa.

¹¹ May and Wisse 2001, 19. Cf. também Leeman, Pinkster and Wisse 1996, 93–4, sobre o desenvolvimento do tema do conhecimento do orador no livro através das nomeadas “ondas” do discurso.

Antônio, ainda no livro 2, discorre sobre o arranjo das partes do discurso, correspondente à *dispositio* na terminologia dos manuais, a partir do parágrafo 307, e a partir do 326 trata especificamente da *narratio*:

Narrare vero rem quod breviter iubent, si brevitatis appellanda est, cum verbum nullum redundat, brevis est L. Crassi oratio; sin tum est brevitatis, cum tantum verborum est quantum necesse est, aliquando id opus est; sed saepe obest vel maxime in narrando, non solum quod obscuritatem adfert, sed etiam quod eam virtutem, quae narrationis est maxima, ut iucunda et ad persuadendum accommodata sit, tollit. Videant illa nam is postquam excessit ex ephelis ... quam longa est narratio! Mores adolescentis ipsius et servilis percontatio, mors Chrysidis, vultus et forma et lamentatio sororis, reliqua pervarie iucundeque narrantur. Quod si hanc brevitatem quaesisset: effertur, imus, ad sepulcrum venimus, in ignem imposita est, [fere] decem versiculis totum conficere potuisset; quamquam hoc ipsum "effertur, imus," concisum est ita, ut non brevitati servitium sit, sed magis venustati. Quod si nihil fuisset, nisi "in ignem imposita est," tamen res tota cognosci facile potuisset. Sed et festivitatem habet narratio distincta personis et interpuncta sermonibus, et est et probabilius, quod gestum esse dicas, cum quem ad modum actum sit exponas, et multo apertius ad intellegendum est, si constituitur aliquando ac non ista brevitatis percurritur.

Quanto ao fato de preceituarem que a narração seja breve, se devemos chamar brevidade quando nenhuma palavra está sobrando, é breve o discurso de L. Crasso; mas se a brevidade ocorre quando se empregam apenas as palavras necessárias, por vezes isso é útil; porém, não raro prejudica enormemente a narração, não apenas porque provoca a obscuridade, mas também porque lhe tolhe a virtude que é mais importante da narração, ser prazerosa e adequada à persuasão. Por exemplo, os versos: "De fato, depois que deixou os efecos..." Quão longa é a narração! Narram-se, de maneira bastante variada e prazerosa, os costumes do próprio jovem, as perguntas do escravo, a morte de Crises, o aspecto, a beleza e o lamento da irmã e o restante. É que se houvesse buscado este tipo de brevidade: "É levada, acompanhamos, chegamos ao sepulcro, / É colocada no fogo..." poderia ter realizado o todo em dez pequenos versos. Embora esse "é levada, acompanhamos" seja de tal forma conciso que serviu, não à brevidade, mas, antes, à graça. É que se não houvesse outra coisa além de "é colocada no fogo", ainda assim seria possível tomar conhecimento de toda a situação. Mas uma narração diversificada pelas personagens e entrecortada de diálogos tem graciosidade; e o que afirmamos ter acontecido é mais verossímil quando expomos a maneira como aconteceu, e muito mais claro para o entendimento se por vezes nos detemos, sem nos apressarmos devido a essa brevidade.¹²

Embora neste trecho possamos identificar no discurso de Antônio algumas características dos preceitos dos manuais, como a exemplificação e o enquadramento,¹³ a personagem contraria novamente sua primeira afirma-

¹² Cic. *De Orat.* 2.326- 328. Tradução de A. Scatolin, 2009.

¹³ Podemos identificar neste trecho de Antônio algumas categorias de preceitos, e modos de preceituação que seriam próprios dos manuais. Guérin 2010 distinguiu nos manuais de retórica (*Retórica a Herênio e Da invenção*) seis categorias diferentes de preceitos que estabelecem tipologias e buscam guiar a elaboração do enunciado: o preceito-definição, o preceito-ilustração, o preceito-

ção de que as virtudes da narração eram preceituadas corretamente pelos manuais, pois retoma a ideia de que a brevidade prejudica a persuasão, e acrescenta que a narrativa longa proporciona o deleite. Antônio neste momento do diálogo determina que o deleite e a persuasão são as virtudes máximas da narração. Ele defende que a brevidade frequentemente provoca a obscuridade, ou seja, tolhe a clareza, que seria a outra virtude importante da narração, e demonstra ainda que a narração longa, na qual se narra a maneira como algo aconteceu de maneira em que há certa contenção da ação, é mais adequada para a verossimilhança. Antônio parece assim colocar em tensão brevidade contra clareza e verossimilhança. Esta polêmica parece ter sido alvo de discussão de outros autores. Aristóteles, em sua *Retórica*, já apontava para a problemática da preceituação rígida da brevidade:

Hoje em dia, diz-se de forma ridícula que a narração deve ser rápida. E, contudo, é como aquele do padeiro que perguntava se deveria se deveria fazer a massa de consistência dura ou macia; “o quê”, replicou alguém, “não é possível fazê-la bem?”. E aqui é o mesmo. Efectivamente, é preciso que se componham narrações não de grande dimensões, tal como não se devem elaborar proêmios nem provas muito extensas. Pois também aqui o melhor não é a rapidez ou a concisão, mas sim a justa medida. Isto significa falar tanto quanto aquilo de que o assunto necessita para ficar claro, ou tanto quanto permita supor que algo sucedeu ou que dele resultou algum prejuízo ou injustiça, ou que os assuntos são da importância que se quer demonstrar; o adversário, por seu turno, deve contrapor as razões opostas.¹⁴

Aristóteles parece defender neste trecho o uso moderado da brevidade, de forma que ela não prejudique nem clareza nem a verossimilhança. Quintiliano afirma que Aristóteles discordava da preceituação da escola de Isócrates com relação às virtudes da narração justamente na questão da necessidade da brevidade, propondo que a narração não fosse nem breve nem longa.¹⁵

Antônio, no trecho do *De oratore* acima, parece trazer esta discussão entre a escola de Isócrates e Aristóteles à tona. Leeman, Pinkster and Wisse afirmam que Cícero, ao dizer, pela fala de Antônio, que a brevidade tolhe o deleite e a persuasão, junta-se, aparentemente de maneira sincera, a Aristóteles do trecho da *Retórica* exposto acima.¹⁶ Entretanto, não sabemos ao

tópico, o preceito-formato, o preceito-protocolo e o preceito enquadramento. No trecho em questão, encontramos o preceito-ilustração quando Antônio apresenta um exemplo de enunciado breve, e o preceito-enquadramento, que propõe referências que permitem ao leitor assegurar-se de que segue as regras para determinado procedimento, quando diz “a narração será evidente se a fizermos com palavras usuais, mantendo a ordem cronológica, sem interrupções”.

¹⁴ Arist. *Rh.* 1417a. Trad. de M. A. Júnior, P. F. Alberto e A. N. Pena.

¹⁵ Cf. Quint. *Inst. Or.* 4.2. 31–2.

¹⁶ Leeman, Pinkster & Wisse (1996 ad 2.326).

certo de Cícero teve acesso direto à obra aristotélica. Antônio, quando diz “quanto ao fato de preceituarem que a narração seja breve”, provavelmente alude aos manuais de retórica aos quais tinha acesso.

Antônio retoma o tema mais uma vez, agora no livro 3, no tratamento dos ornamentos do discurso. Ele contrapõe novamente a brevidade e a clareza quando se expõem os fatos:

Nam et commoratio una in re permultum movet et inlustris explanatio rerumque, quasi gerantur, sub aspectum paene subiectio; quae et in exponenda re plurimum valent et ad inlustrandum id, quod exponitur, et ad amplificandum; ut eis, qui audient, illud, quod augebimus, quantum efficere oratio poterit, tantum esse videatur; et huic contraria saepe percursio est et plus ad intellegendum, quam dixeris, significatio et distincte concisa brevitatis et extenuatio et huic adiuncta inclusio a praeceptis Caesaris non abhorrens [...].

De fato, tanto o demorar-se num assunto, quanto uma exposição clara e a colocação dos fatos praticamente diante dos olhos, como se estivessem acontecendo, impressionam muitíssimo. Esses fatores têm enorme serventia, na exposição do caso, tanto para tornar claro o que se expõe quanto para amplificá-lo, de modo que, aos ouvintes, aquilo que aumentamos pareça ser tão grande quanto o discurso for capaz de torná-lo; e muitas vezes o oposto disso é a narração rápida e, para que se compreenda mais o que disseres, a alusão; e a brevidade concisa com distinção; e a atenuação e, ligada a esta, a zombaria, não distante dos preceitos de César.¹⁷

A personagem novamente recomenda que o “demorar-se” na narrativa torna claro aquilo que se expõe, e acrescenta então que isso é útil também para amplificação daquilo que se expõe. Antônio com esse trecho reitera que a narrativa morosa, clara, e diante dos olhos é capaz de impressionar, ao passo que a narrativa rápida propicia apenas a instrução. A falta de brevidade, assim, para a personagem, não parece prejudicar a clareza, pelo contrário. Vejamos então como o diálogo aborda especificamente a virtude da clareza, e que tipo de clareza é privilegiada.

Os manuais escolares preceituavam que a clareza poderia ser obtida se mantida a ordem cronológica na narrativa dos acontecimentos e se fosse dito apenas o necessário.¹⁸ Para a *Retórica a Herênio*, a narrativa seria mais clara quanto mais breve: “quanto mais breve for a narração, mais clara e fácil de entender”.¹⁹

¹⁷ Cic. *De Orat.* 3.202. Tradução de A. Scatolin, 2009.

¹⁸ Cic. *De Inv.* 1. 29: “Aperta autem narratio poterit esse, si, ut quidque primum gestum erit, ita primum exponetur, et rerum ac temporum ordo servabitur, ut ita narrentur, ut gestae res erunt aut ut potuisse geri videbuntur. Hic erit considerandum, ne quid perturbate, ne quid contorte dicatur, ne quam in aliam rem transeat, ne ab ultimo repetatur, ne ad extremum prodeatur, ne quid, quod ad rem pertineat, praetereatur”.

¹⁹ *Rhet. Her.* 1.15. Tradução de A. P. C. Faria e A. Seabra, 2005.

Nos trechos de Antônio já citados, os termos referentes à virtude da clareza são: *narratio aperta*, *perspicua*, e *inlustris explanatio*. A personagem Crasso, em *De. Orat.* 1.187, contrapõe as duas virtudes: “Percebo que, enquanto queria falar com brevidade, falei de maneira um pouco obscura, mas tentarei de novo e falarei, se possível, com mais clareza”.²⁰ O termo utilizado para clareza aqui é *planius*. Antônio, em 1.229, discutindo com Crasso a não necessidade do conhecimento de filosofia por parte do orador, afirma que Múcio defendeu a causa de um homem virtuoso sem aparatos, de maneira clara e cristalina (*pure et dilucide*).²¹ Cátulo, no livro 2, assim elogia a clareza do discurso de Antônio: “Parece-me, Antônio, que colocaste diante de nossos olhos com extrema clareza o que deve aprender o futuro orador e o que, ainda não tenha aprendido, pode aplicar a partir do que aprendeu”.²² O advérbio utilizado é o *praeclare*.

Vemos que há uma grande variedade de termos, e isso se deve ao fato de Cícero evitar os termos técnicos da retórica escolar. Mas a frequência com que aparecem na obra aponta para a grande importância desta qualidade. Para Aristóteles, a clareza (*saphe*)²³ era a virtude mais importante do discurso, e não apenas da narração. Clareza e adequação são, para o autor, as grandes virtudes da elocução.²⁴ A seu sucessor Teofraсто é atribuída a tradicional tetrapartição das virtudes da elocução em clareza, adequação, pureza e ornamento.²⁵ Os termos variados por Cícero que se referem à clareza apontam ora para o caráter de luminosidade e brilho, ora para o de evidência: o adjetivo “*apertus*” tem as acepções de “inteligível para todos, evidente, manifesto, óbvio, claro, lúcido, direto”; “*perspicuus*” de “transparente, claramente visível, claro para o entendimento, evidente”; *illustris* de “brilhante, com luz, claro, lúcido, perspícuo”; *plane* de “nitidamente, claramente, obviamente”; *pure*, de “de maneira clara, direta, sem ornamentação superficial”; *dilucide* de “brilantemente, claramente, de maneira lúcida, cristalina, transparente” e *praeclarus*, as de “proeminentemente claro, brilhante, radiante e belo”.²⁶ O oposto de todos estes termos é a obscuridade,

²⁰ Cic. *De Orat.* 1.187. Hoc video, dum breviter voluerim dicere, dictum a me esse paulo obscurius; sed experiar et dicam, si potero, planius.

²¹ Cic. *De Orat.* 1.229. [...] dixit item causam illam quadam ex parte Q. Mucius, more suo, nullo apparatu, pure et dilucide”.

²² Cic. *De Orat.* 2.71. “Tum Catulus “praeclare [com clareza, com brilho] mihi videris, Antoni, posuisse” inquit “ante oculos, quid discere oporteret eum, qui orator esset futurus, quid, etiam si non didicisset, ex eo, quod didicisset, adsumeret [...]”.

²³ σαφής: évident; clair; manifest. Chantraine 1968, 991.

²⁴ Cf. Arist. *Rh.* 3.2, 1404b.

²⁵ Cf. Kirchner 2010, 182.

²⁶ As acepções foram traduzidas a partir das acepções em língua inglesa do *Oxford Latin Dictionary*, 1968.

que, como já foi observado em trechos citados, prejudica a persuasão. Segundo as palavras de Antônio, a *obscuritas* na *narratio* pode “cegar” todo o discurso (“*narratio obscura totam occaecat orationem*”²⁷).

Frequentemente a recomendação da clareza no *De oratore* aparece associada ao “dispor os fatos diante dos olhos” e ao sentido da visão. Em trecho já citado neste trabalho, Antônio diz: “De fato, tanto o demorar-se num assunto, quanto uma exposição clara e a colocação dos fatos praticamente diante dos olhos, como se estivessem acontecendo, impressionam muitíssimo” (3.202). César, em seu excursus sobre o riso no livro 2, aponta para a capacidade de colocar algo diante dos olhos através da narração:

Ac verborum quidem genera, quae essent faceta, dixisse me puto; rerum plura sunt, eaque magis, ut dixi ante, ridentur; in quibus est narratio, res sane difficilis; exprimenda enim sunt et ponenda ante oculos ea, quae videantur et veri similia, quod est proprium narrationis, et quae sint, quod ridiculi proprium est, subturpia [...].

Entre eles encontra-se a narração, algo bastante difícil, pois é preciso apresentar e colocar diante dos olhos elementos que não apenas pareçam verossímeis, o que é próprio da narração, mas que também sejam um pouco torpes, o que é próprio do ridículo.²⁸

Da mesma forma, Cátulo associara clareza e visão ao elogiar o discurso que dispunha diante dos olhos, como vimos (*De Orat.* 2.71). A clareza, assim, na obra, parece ser aliada desta exposição direta aos olhos, que é capaz de convencer. Antônio, ainda no livro 1, argumenta a favor do poder da eloquência diante do orador que se vale somente do conhecimento do Direito Civil. Ele exemplifica com uma causa na qual Crasso se valeria da eloquência, e da exposição visual de algo, ainda que fictício, para convencer:

tu vero, vel si testamentum defenderes, sic ageres, ut omne omnium testamentorum ius in eo iudicio positum videretur, vel si causam ageres militis, patrem eius, ut soles, dicendo a mortuis excitasses; statuisses ante oculos; complexus esset filium flensque eum centum viris commendasset; lapides me hercule omnis flere ac lamentari coegisses, ut totum illud VTI LINGVA NVNCVPASSIT non in XII tabulis, quas tu omnibus bibliothecis anteponis, sed in magistri carmine scriptum videretur.

Na verdade, se defendesses o testamento, agirias de modo a parecer que toda a autoridade de todos os testamentos dependia daquele processo, ou se defendesses a causa do soldado, erguerias seu pai do mundo dos mortos com teu discurso, como é teu costume; colocá-lo-ias diante de nossos olhos; ele abraçaria seu filho e, chorando, o recomendaria aos centúviro; por Hércules, terias obrigado todas as pedras a chorar

²⁷ Cic. *De Orat.* 2.329. Tradução de A. Scatolin 2009.

²⁸ Cic. *De Orat.* 2.264. Tradução de A. Scatolin 2009.

e lamentar, de modo a parecer que o DECLAROU COM A LÍNGUA não está escrito nas doze tábuas, que preferes a todas as bibliotecas, mas no poema de um professor.²⁹

Antônio defende aqui que o discurso é capaz de tornar presente para os olhos um evento, que funciona para aquele que o vê (imagina) como um prova. E isso se dá, pois a visão, ou a simulação dela, faz do espectador uma quase testemunha ocular. Crasso, no diálogo, demonstra como a visão é o sentido que mais convence:

Id accidere credo, vel quod ingeni specimen est quoddam transilire ante pedes posita et alia longe repetita sumere; vel quod is, qui audit, alio ducitur cogitatione neque tamen aberrat, quae maxima est delectatio; vel quod in singulis verbis res ac totum simile conficitur; vel quod omnis translatio, quae quidem sumpta ratione est, ad sensus ipsos admovetur, maxime oculorum, qui est sensus acerrimus. Nam et odor urbanitatis et mollitudo humanitatis et murmur maris et dulcitus orationis sunt ducta a ceteris sensibus; illa vero oculorum multo acriora, quae paene ponunt in conspectu animi, quae cernere et videre non possumus. [...] “Syrtim” patrimoni, “scopulum” libentius dixerim; “Charybdim” bonorum, “voraginem” potius; facilius enim ad ea, quae visa, quam ad illa, quae audita sunt, mentis oculi feruntur [...].

Creio que isso aconteça, seja porque é uma prova de inteligência negligenciar o que se encontra de nossos pés e pegar outras coisas provenientes de longe; seja porque o ouvinte é levado para outro lugar pelo pensamento mas não se perde, o que é um enorme deleite; seja porque toda metáfora (pelo menos as tomadas com método) é dirigida aos próprios sentidos, sobretudo o dos olhos, que é o sentido mais aguçado. De fato, o “cheiro” de refinamento, a “moleza” da cultura, o “murmúrio” do mar e a “doçura do discurso são metáforas derivadas dos demais sentidos, mas as dos olhos, que praticamente colocam na visão da mente o que não podemos discernir e ver, são muito mais aguçadas. [...] Eu preferiria dizer “escolho” a “Sirte” do patrimônio, “turbilhão” a “Caribdes” dos bens”: é que os olhos da mente são levados com mais facilidade ao que se viu do que ao que se ouviu.³⁰

Antônio também já havia afirmado no livro 2 que a visão é o sentido mais aguçado, ao tratar da memória (2.357–8). Segundo o trecho, aquilo que é transmitido através dos olhos é mais facilmente fixado na memória. Crasso, acima, afirma que os *oculi mentis*, os olhos da imaginação, são mais facilmente levados às coisas vistas que às ouvidas apenas. Assim, podemos entender que a visualização dos acontecimentos, ainda que simulada, despertada pela exposição clara, demorada e detalhada, contribuiria muitíssimo para a persuasão. Como afirmou Antônio no livro 2, “o que afirmamos ter acontecido é mais verossímil quando expomos a maneira como aconteceu” (2. 328). Colocar diante dos olhos é como apresentar uma evidência.

²⁹ Cic. *De Orat.* 1.245. Tradução de A. Scatolin 2009.

³⁰ Cic. *De Orat.* 3.160–3. Tradução de A. Scatolin 2009.

Assim, esse tipo de narração, que, como vimos, as personagens associam à clareza, alia-se à virtude da verossimilhança. Por isso, Antônio recomenda este tipo de narrativa também à Historiografia, cujo discurso deve contemplar o modo e as causas dos acontecimentos (2.63).

No início do trecho destacado de Crasso (3.160–3), o orador também afirma que o transporte do leitor a outro lugar do pensamento constitui também grande deleite (*maxima delectatio*). No parágrafo 30 do livro 3, ele já havia apontado a visualização como fonte de prazer:

nam et auribus multa percipimus, quae etsi nos vocibus delectant, tamen ita sunt varia saepe, ut id, quod proximum audias, iucundissimum esse videatur; et oculis conliguntur paene innumerabiles voluptates, quae nos ita capiunt, ut unum sensum in dissimili genere delectent; et reliquos sensus voluptates oblectant dispares, ut sit difficile iudicium excellentis maxime suavitatis.

De fato, percebemos muitas coisas pelos ouvidos que, embora nos deleitem pelos sons, são muitas vezes tão variadas que o que se ouve em seguida parece mais agradável ainda, e pelos olhos se acumulam prazeres quase inumeráveis, que nos tomam de tal forma que deleitam um único sentido por um gênero diferente, e prazeres díspares encantam os demais sentidos, de modo que é difícil julgar que encanto se sobressai mais.³¹

A retórica escolar também tratou do procedimento da descrição e exposição diante dos olhos (*descriptio* e *demonstratio*, *Rhet. Her.* 4.51 e 4.68–9). Entretanto, para ela, os procedimentos são classificados como ornamentos da elocução, e não se preceitua quando devem ser usados. No diálogo, a preceituação de figuras da elocução, que nos manuais aparecem em forma de listas e catálogos, está diluída por todo o discurso, como vemos neste caso.

Vocábulos correlatos a *inlustris*, um dos termos que, como vimos, qualificaram a narrativa clara no *De Oratore*, aparecem frequentemente também no tratamento dos ornamentos do discurso. Crasso, no parágrafo 3.205, chama a amplificação, a descrição e outros procedimentos de luzes (*luminibus*), que *inlustrant*, conferem brilho ao discurso. O termo parece ser usado como sinônimo de ornar quando a personagem fala de ornamentos constituídos por palavras isoladas: “Três são, então, no caso das palavras tomadas isoladamente, os modos que o orador emprega para conferir brilho e ornato ao discurso: a palavra desusada, a criada, ou a metaforizada” (*Tria sunt igitur in verbo simplici, quae orator adferat ad inlustrandam atque exornandam orationem: aut inusitatum verbum aut novatum aut translatum*).³² Em seguida, entretanto, depois, percebemos que *inlustrare*, segundo a personagem, não é somente ornar, mas também tornar claro, pois o autor

³¹ Cic. *De Orat.* 3.25. Tradução de A. Scatolin 2009.

³² Cic. *De Orat.* 3.152. Tradução de A. Scatolin 2009.

afirma que as metáforas (*translatum*, acima), tornam a matéria mais clara (*clariorem*, 3.157). Assim, o verbo *inlustrare* parece englobar tanto o sentido de conferir clareza, quanto graça, e assim tais qualidades parecem estar imbricadas no *De Oratore*; assim, uma narrativa elaborada e ornada poderia ser considerada mais clara, no sentido de expor uma evidência.

Como vemos, no *De oratore*, a virtude da clareza é entendida como uma aliada da exposição dos fatos diante dos olhos, útil ao deleite e à persuasão. O termo *inlustris* seria utilizado por Cícero também em *Partitiones Oratoriae*, ensaio posterior ao *De Oratore*, que constitui um breve tratado de Retórica em forma de diálogo. Na primeira parte dessa obra, Cícero explora as funções do orador (*uis oratoris*), e no tratamento da *elocutio*, abordando variados tipos de estilo, utiliza o termo *illustris* para designar um estilo de escrita que coloca os eventos quase diante dos olhos:

Illustris autem oratio est si et verba gravitate delecta ponuntur et translata et superlata et ad nomen adiuncta et duplicata et idem significantia atque ab ipsa actione atque imitatione rerum non abhorrentia. Est enim haec pars orationis quae rem constituat paene ante oculos, is enim maxime sensus attingitur: sed ceteri tamen, et maxime mens ipsa moveri potest. Sed quae dicta sunt de oratione dilucida, cadunt in hanc illustrem omnia; est enim pluris aliquanto illustre quam illud dilucidum: altero fit ut intellegamus, altero vero ut videre videamur.

O estilo será, portanto, brilhante se as palavras utilizadas forem escolhidas pelo seu valor e usadas metaforicamente, com hipérboles, adjetivações, duplicações, sinônimos e em consonância com as ações e representação dos fatos. Pois é essa parte da oratória que quase dispõe os acontecimentos diante dos olhos, pois é esse sentido que é o mais afetado: embora os demais sentidos, e até a mente, possam também ser atingidos. E tudo o que foi dito acerca do discurso claro aplica-se ao discurso brilhante; o brilhante é mais considerável do que o claro: enquanto este serve à instrução, o primeiro nos faz efetivamente ver.³³

Nesse trecho, a *oratio illustris* opõe-se à *dilucida*, sendo a primeira o discurso ou estilo que dispõe o fato narrado diante dos olhos e desperta emoções. Essa distinção, aqui mais claramente delimitada, já estava indicada no *De Oratore*, como vimos, nos trechos apresentados acima. Assim, nos parece que o verbo *inlustrare* já na primeira obra apontava para uma clareza diferente da proposta nos manuais: uma clareza que dispõe o evento diante dos olhos, comove, deleita e é ornada. Quintiliano nos dá a dica para interpretar o verbo *inlustrare/illustrare* segundo Cícero. Parece-nos que a clareza é tida por Cícero como próxima à qualidade da *enargeia*, como observou Quintiliano:

³³ Cic. *Part.* 20. Tradução nossa.

Insequitur ἐνάργεια, quae a Cicerone illustratio et evidentia nominatur, quae tam dicere videtur quam ostendere; et adfectus non aliter, quam rebus ipsis intersimus, sequentur.

E assim se segue a enargia, que Cícero chamava de illustratio e evidentia, que parece não tanto narrar, mas exibir uma cena; e a emoção não será diferente de que se estivessemos presentes em tais acontecimentos.³⁴

Quintiliano afirma que Cícero chamava de *illustratio* e *evidentia* a qualidade da *enargeia*, a vivacidade, que, assim como o “expor diante dos olhos” (*sub oculos subiectio*) serão posteriormente associados ao procedimento retórico da *ekphrasis*, cuja teorização se deu a partir do século I d.C., com os *Progymnasmata*, conforme temos conhecimento. Nicolau, em seus exercícios, ressalta que é a qualidade da *enargeia* que diferencia a narração comum (*diegesis*) da éfrase (*Progym.* § 68). Segundo Sárdiano, comentador dos *Progymnasmata* de Aftônio, é o detalhamento e o demorar-se na narrativa, a não concisão, que diferenciam a éfrase da *diegesis*.³⁵ Como vemos, posteriormente a Cícero fez-se uma distinção entre a narração simples e a narração elaborada, cheia de *enargeia* (clareza e vivacidade), advinda de um “demorar-se” e contenção da ação descrita. O *De Oratore*, entretanto, sem utilizar termos técnicos e muito antes da sistematização desses preceitos, recomendava uma *narratio* muito mais próxima do que depois seria considerado uma narrativa com enargia, que expunha de maneira amplificada diante dos olhos. Assim, Cícero parece opor-se aos manuais de Retórica quanto à preceituação de que *narratio* seria mais clara quanto mais breve; o que seria válido apenas quando o objetivo é a instrução. Através das variadas vozes do diálogo, propõe que a narração deve ser clara a ponto de expor as ações diante dos olhos, e para isso é necessário que seja demorada, elaborada e com brilho, a ponto de comover. A clareza recomendada é assim aliada da terceira virtude, a do provável, uma vez que transforma os ouvintes em testemunhas. Sem utilizar termos técnicos, Cícero parece preceituar sobre o uso da vivacidade e sobre a descrição que o dispõe o objeto diante dos olhos, e assim uma *narratio* capaz de comover pateticamente. Diferentemente dos manuais, cujos preceitos estão organizados a partir das partes do discurso, o foco do *De oratore* está no orador e em seus ofícios, e assim o

³⁴ Quint. *Inst. Or.* 6.2.32. Tradução nossa.

³⁵ Sárdiano, *Comementarium in Aphthonii Progymnasmata*. “He said ‘vividly’ on account of narration, because narration is composed in a condensed manner while ekphrasis is composed in a detailed manner. So a vivid speech is one that is clear and pure and as if alive [...]”. In Webb 2009, Appendix A.

tratamento de um preceito amplia-se; as virtudes de uma parte do discurso adéquam-se ao primeiro ofício o orador: a persuasão.³⁶

REFERÊNCIAS

- Butler, H. E. 1985. *Quintillian: The Institutio Oratoria of Quintilian*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Heinemann.
- Chantraine, P. 1968. *Dictionnaire Etymologique de La langue grecque*. Paris: Editions Klincksiecke.
- Faria, A. P. C. e Seabra, A. 2005. *[Cícero]: Retórica a Herênio*. Tradução e introdução. São Paulo: Hedra.
- Guérin, C. 2010. “Formes et fonctions du précepte rhétorique des manuels latin au *De oratore*”. In *Rhetorica Philosophans*, edited by L. Brisson et P. Chiron. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- Hubbell, H. M. 1976. *Cicero: De inventione. De optimo genere oratorum. Topica*. Translation. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Heinemann.
- Iso, J. J. 2002. *Cícero: Sobre el Orador*. Introducción, traducción y notas. Madrid: Editorial Gredos.
- Júnior, M. A., Alberto, P. F. e Pena, A. N. 2005. *Aristóteles: Retórica*. Tradução e notas. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- Kennedy, G. A. 2003. *Progymnasmata. Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*. Translation, with Introductions and Notes. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Kennedy, G. A. 2007. *Aristotle: On Rhetoric*. Translation with Introduction, Notes, and Appendices. New York: Oxford University Press.
- Kirchner, R. 2010. “Elocutio: Lation Prose Style” In *A Companion to Roman Rhetoric*, edited by W. Dominik and J. Hall. UK: Wiley – Blackwell.
- Kumaniecki, K. F. 1969. *Cicero: De Oratore*. Leipzig: Teubner.
- Leeman, A. D., Pinkster, H. and Wisse, J. 1996. *Cicero: De Oratore libri III: Kommentar*. Buch III, 1–95. Buch II, 291–367. Heidelberg: Winter.
- Leeman, A. D., Pinkster, H. and Nelson, H. L. W. 1985. *Cicero: De Oratore Libri III. Kommentar*. 2. Band: Buch 1, 166–265, Buch II, 1–98. Heidelberg: Carl Winter.
- May, J. M.; Wisse, J. 2001. *Cicero: Cicero on the Ideal Orator*. Translation with Introduction, Notes, Appendixes. New York: Oxford University Press.
- Rackham, H. 1997. *Cicero: De Oratore. Book III. De Fato. Paradoxa Stoicorum. De partitione Oratoria*. Translation. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Scatolin, A. 2009. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Sutton, E. W. 1988. *Cicero: De Oratore. Books I-II*. Translation. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

³⁶ Cic. *De Orat.* 1.138. Segundo Crasso, o primeiro ofício do orador é discursar de maneira adequada para atingir a persuasão.

Webb, R. 2009. *Ekphasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*. England: Ashgate.



Title. The virtues of *narratio* in Cicero's *De oratore*

Abstract. This short paper aims to examine the precepts about the virtues of *narratio* in Cicero's *De Oratore*, and to verify the similarities and differences with respect to this part of speech in the manuals of rhetoric (*De Inventione*, previous work of Cicero, and *Rhetorica ad Herennium*). The comparison exposes the contrast between Cicero's approach of rhetoric theory in *De Oratore* and the technicality of the manuals, criticized by the characters of the dialogue, and it allows reflecting about the importance of a different kind of clarity.

Keywords. *De Oratore*; *narratio*; *illustratio*; Cicero.